

## ANÁLISE LINGUÍSTICA E UM PARÂMETRO RETÓRICO-DISCURSIVO

André Luiz Gaspari Madureira<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho visa analisar a linguagem segundo um viés retórico-discursivo, de modo a considerar tanto o aspecto ativo do sujeito, mediante as estratégias argumentativas que mobiliza, quanto as marcas discursivas de cunho sócio-histórico, e não individual. Para isso, serão articulados os aportes teóricos da análise do discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux (doravante AD), e da nova retórica, proposta por Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca. Para a aplicação teórica, propõe-se a análise de um texto pertencente ao gênero fabular. O propósito que aqui se apresenta é o de identificar as relações interdiscursivas por meio da apreciação das estratégias argumentativas, buscando analisar a maneira a partir da qual a fábula dissimula, pela aparente transparência da linguagem, certos efeitos de sentido que podem ser concebidos, dada a materialidade discursiva em que se inscrevem.*

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Fábula; Nova retórica; Polifonia; Sentido

### INTRODUÇÃO

Articular as perspectivas da AD e da nova retórica certamente não é uma tarefa simples, por conta das contradições que marcam a distância dos arcabouços. No entanto, a conjugação de tais perspectivas tem apresentado resultados bastante relevantes a pesquisadores com relação à aplicabilidade em diversos materiais. Por conta de tal propriedade, aqui se tentará elucidar alguns pontos para a efetivação da proposta de entremeio, bem como de que forma é possível aplicá-la em uma perspectiva de análise.

O viés discursivo permite pensar as relações sócio-históricas em um plano que autoriza a análise de sua multiplicidade, sinalizando o teor heterogêneo que as compreende. Por esse viés, constitui-se um ambiente teórico em que tais condições passam a influenciar na “re-produção” dos efeitos de sentido provenientes da noção de discurso na AD, noção esta que se pauta em materialidades excluindo, portanto, a subjetividade do sujeito. Esses efeitos, por sua vez, relacionam-se com o que Pêcheux (1995, p. 161) denomina de **processo discursivo**, “o sistema de substituição, paráfrases, sinônimas, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”. O que se tem, portanto, é o funcionamento da paráfrase e da polissemia no processo discursivo.

Se, por um lado, a análise dos efeitos de sentido se recobre de credibilidade por estar alicerçada em condições de materialidade, por outro exclui a propriedade relativa ao sujeito de agente nesse processo de “re-produção” da linguagem. Silencia-se, de tal maneira, a mobilização de estratégias pela linguagem que visam direcionar intencionalmente a leitura do texto (seja este oral ou escrito) para certos efeitos de sentido, e não outros em seu lugar, apesar de, devido à

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (UCSAl), Prof. Especialista em Estudos Lingüísticos e Literários, Mestre e Doutorando em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (NEAD). E-mail: almadureira@ig.com.br . Autor.

linguagem ser também um local de equívoco e de variação de sentido, propiciar a pluralidade de significações.

A teoria da argumentação, por sua vez, é mobilizada para preencher a lacuna teórica presente no arcabouço da AD, de modo a possibilitar a apreciação da linguagem não só segundo uma posição não subjetiva pautada em materialidades discursivas, mas também por meio da ação lingüística efetuada pelo sujeito. As estratégias argumentativas são instauradas no ambiente lingüístico no qual se dá a persuasão que, ao ser demarcada linguisticamente, se torna passível de receber uma verificação de suas características, assim como dos efeitos que possibilita.

Dessa forma, a partir do momento em que se mobiliza uma série de relações discursivas por meio da atividade da linguagem, de estratégias acionadas por um sujeito segundo sua intenção, vê-se como relevante propor uma análise pautada nessa conjunção. Compreender, nesse sentido, o processo de “re-produção” da linguagem significa considerar primeiramente as referentes estratégias para observar os efeitos de sentido que daí emanam, sem desconsiderar nem a heterogeneidade discursiva nem os efeitos desta provenientes, os quais compreendem tanto aqueles almejados quanto os que se instauram independente do desejo do sujeito, mas que nem por isso tornam-se menos importantes.

A análise argumentativa pautada na proposta de entremeio possibilita apreciar a linguagem persuasiva sem necessariamente introduzir uma perspectiva idealista do sujeito, vez que as condições de observação desse fator são de ordem social e histórica. Além disso, não se considera o psiquismo individual como a fonte da língua nem o sujeito propriamente como o produtor da linguagem, e sim um elemento a mais para sua constituição. Diante da investigação do sujeito e das tendências sócio-ideológicas que marcam sua produção, identifica-se parte das condições discursivas referentes à constituição da linguagem.

A diferença de natureza das teorias situa a presença das contradições que as distanciam, mas também sinaliza a possibilidade de dividirem um espaço de análise a favor da complementação. Não se busca, pois, descaracterizar uma teoria não subjetiva da linguagem introduzindo aspectos subjetivos em seu aporte, nem conceber uma teoria das estratégias argumentativas que não leve em conta as aspirações do orador e impressões que o fazem adaptar-se aos diferentes contextos para persuadir distintos auditórios. Contudo, administrar essas relações contraditórias de modo a conservar as peculiaridades de cada teoria, articulando-as em um contexto complementar, se consolida como uma estratégia que permite alcançar ambos os resultados, com o proveito de poder correlacioná-los.

## DESENVOLVIMENTO

Para iniciar a análise, apresenta-se o texto “A Galinha Reivindicativa”, presente na obra de Millôr Fernandes intitulada *Fábulas fabulosas*, publicada em 1963, citado em seguida:

A Galinha Reivindicativa  
Ou the hen's liberation

Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado. O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem,

tivera muitas galinhas em sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias.

- Ainda bem que você está satisfeito – disse a galinha. – E tem razão de estar, pois é galo. Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso. Todos os dias pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos, isso é vida? Mas agora a coisa vai mudar. Pode estar certo de que vou levar uma vida de galo, livre e feliz. Há já seis meses que não choco e há uma semana que não ponho ovo. A patroa se quiser que arranje outra para esses ofícios. Comigo não, violão!

O velho galo ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e que cada ser tem sua função específica na vida, quando a cozinheira, sorrateiramente, passou a mão no pescoço da dodivanas e saiu com ela esperneando, dizendo bem alto: ‘A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela’.

MORAL: UM TRABALHO POR JORNADA MANTÉM A FACA AFASTADA (FERNANDES, [1963] 1999, p. 22).”

No texto “A Galinha Reivindicativa”, constata-se a propriedade lúdica de que a fábula é revestida, diante da narrativa em que animais conversam. No entanto, o próprio gênero fabular, devido à propriedade de apresentar uma narrativa muitas vezes de teor fantástico para se voltar a questões sócio-políticas, sinaliza para a assimilação dos personagens não somente segundo a configuração lúdica, mas como seres que permeiam espaços sociais e que têm o comportamento avaliado. As peculiaridades da fábula facilitam a apreensão de valores sociais, o que atesta sua propriedade argumentativa. Quanto a esse aspecto, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 447) avaliam-no e concluem que as fábulas são “analogias de um tipo reconhecido”, marcando a estratégia argumentativa implicada nesse gênero.

Como as analogias se caracterizam por apresentar áreas diferentes entre o foro e o tema, mas que devem se aproximar, de modo a ser revelada uma relação análoga sustentada pela semelhança das estruturas, o terreno desse instrumento de argumentação se torna instável. No entanto, o embate que se dá em tais estruturas de campos distintos nas fábulas já é reconhecido, de modo a lhe ser atribuída a propriedade de analogia. Por isso, é como uma estratégia argumentativa de analogia que a fábula escolhida é apreciada, levando-se a identificar os temas que aos foros se relacionam

Logo no título, o orador demarca no primeiro termo do foro uma estratégia argumentativa instaurada por evocar o simbólico, no entanto, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 380), “importa, pois, na argumentação, saber em que medida uma coisa, e tudo o que lhe toca, é provida dessa natureza simbólica”. Isso leva à assimilação de certos efeitos de sentido diante da percepção desses valores simbólicos, o que pode não ocorrer caso contrário. Assim, para identificar tais efeitos de sentido no momento em que se aciona o léxico “Galinha”, deve-se concebê-lo mediante o valor simbólico que remete ao prosaico, ao ser limitado. No instante em que vislumbra a galinha segundo o plano metafórico da condição humana, Boff ([1997] 2003, p.167 – 168) esboça o arquétipo<sup>2</sup> a partir do qual se apresenta:

A galinha expressa a situação humana no seu cotidiano, no círculo da vida privada, nos afazeres domésticos e tradições culturais, na dimensão inevitável de limitações e de sombras que marcam a vida, numa palavra, em sua imanência.

---

<sup>2</sup> “padrões de comportamento que existem no inconsciente coletivo, desde a mais remota ancestralidade. Figuras e símbolos que representam valores universais, presentes nas várias culturas” (BOFF [1997] 2003, p.186).

A estratégia de instauração do simbólico confere à galinha um lugar estático, limitado, o que vai de encontro com o modalizador “Reivindicativa”, que aciona a posição de reclamar, de exigir. Em uma linguagem formal, esses termos sinalizariam a relação de contradição, vez que o primeiro, representado como A, segue uma orientação oposta ao segundo, neste caso, B. Todavia, por se tratar da linguagem natural, em um plano inicial, a relação A X B passa a salientar não mais contradição, e sim incompatibilidade. De certo, ter um elemento que sinaliza a estaticidade sendo definido por outro que reclama sair da posição estática evidencia, pelo menos aparentemente, uma condição de incompatibilidade.

Apesar disso, dadas as circunstâncias em que a expressão “Galinha Reivindicativa”, bem como sua tradução para o inglês, “The hen’s liberation”, pode ser pensada, circunstâncias estas que, neste caso, se relacionam com o contexto sócio-histórico da época de produção do *corpus*, é possível identificar procedimentos que possibilitam evitar a incompatibilidade, tornando-a apenas aparente. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (cf. 1995, p. 226), uma das formas de se evitar a incompatibilidade é recorrer à ficção, visto que, desse jeito, não há necessidade de resolvê-la no plano teórico, removendo-a do plano da ação.

A aparente incompatibilidade sugere a presença de condições discursivas de conflito. Nesse sentido, uma breve análise do contexto sócio-histórico referente à publicação dessa fábula irá evidenciar um período de intenso rebuliço social. O Brasil, nessas condições, passa por um momento de mudança, a um passo de ser outorgada, no campo político, a ditadura militar que, apesar de ser instituída burocraticamente em 1964, tem seu reflexo latente nas décadas que a antecedem. O cerceamento de certos direitos, as atitudes de repressão vêm desde antes, firmando terreno para, após anos de presença, ter seu ato “introdutório” sancionado.

Certos movimentos sociais, por sua vez, não ficaram à margem dessa confluência de posicionamentos nesse período. Exemplo disso se dá com a influência europeia e americana dos movimentos feministas, principalmente com a entrada da mulher no ambiente de trabalho.

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento se inspirou nos levantes políticos e nas lutas pelos direitos civis da década de 1960 e ganhou ímpeto com o ingresso cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho. O que durante algum tempo se chamou de movimento de liberação feminina tinha como objetivo a igualdade de oportunidades na educação e no trabalho, liberdade sexual e de reprodução, e a participação total das mulheres na política e na criação de imagens culturais. (ROHMANN, 2000, p.157).

Ao atentar para a história narrada, percebe-se, mediante o modalizador “reivindicativa”, uma relação ao contexto sócio-histórico do século XX, marcado pelas reivindicações, pelas lutas, representadas pela “galinha nova” que, pelo desenvolvimento estrutural do trecho, pode ser aproximada da expressão “data incerta”. Essa relação pressupõe a existência de uma nova perspectiva, para modificar uma estrutura vigente que, na fábula, pode se identificar com “galo velho”, que se aproxima do trecho “certo dia”, em posição antitética ao par anterior.

No caso do galo, instaura-se mais um foro revestido estrategicamente de valor simbólico. Segundo Lexicon (2004, p. 104), além de símbolo de fertilidade e de coragem, ousadia, devido à disposição para a luta coragem, na “Europa hodierna, o galo é quase sempre símbolo de orgulho ou do comportamento ‘imponente’ e acentuadamente ‘machista’”. Diante da simbologia, percebe-se a presença de um funcionamento discursivo que marca o momento sócio-histórico em questão pela presença da perspectiva machista, a qual se relaciona simbolicamente com o galo.

Isso faz com que se conceba o “galo velho” como uma situação velha sedimentada no ambiente social em detrimento à “galinha nova”, posição que remete à situação nova e, por isso, incerta.

Ao tomar o conjunto dos termos do foro por C e D e o conjunto dos termos do tema de A e B, tem-se como C a galinha e D o galo que, respectivamente, instauram o tema A, referente ao lugar social de onde emana a perspectiva feminista e o B, ao lugar social marcado pela posição machista. Observa-se, porém, que esses campos discursivos se inscrevem em um lugar de resistência e de confronto, o que explica os conflitos sócio-históricos baseados nessa relação e que marca o período de veiculação das fábulas millorianas. A fábula ainda, sob a égide da polifonia conferindo a condição de profusão de perspectivas discursivas, demarca mais uma relação de temas implicada nesse conjunto de termos. Dessa maneira, como simulacro de uma condição humana, a galinha se insere em um espaço de reivindicação, de resistência com vistas a garantir seu espaço no conflito de classes, o que amplia o quadro interdiscursivo, remetendo também a uma condição sócio-histórica de locais de resistência em que a perspectiva discursiva feminista, nesse caso, também se inscreve em uma relação de aliança. Já o galo é concebido mediante a perspectiva dominante, já que se satisfaz com a estrutura social vigente, sentindo-se confortável no lugar que ocupa.

Quando se pensa a fábula como um simulacro da condição humana, autoriza-se relacionar o ambiente em que se encontram “entre uma bicada e outra” com a cozinha, local de alçada da mulher, diante de um posicionamento machista, que, por estar em seu ambiente, põe-se a “reivindicar”. Entretanto, como o quintal estabelece-se como um ambiente único, no qual se encontram o galo e a galinha, outro efeito de sentido emana nessas condições. Com isso, o espaço pode ser concebido, diante da idéia de simulacro da condição humana, como o próprio espaço social, ambiente em que eventualmente as pessoas se encontram e que, não raro, param para conversar sobre variados temas. Essa circunstância evidencia a confluência de forças ideológicas marcadas interdiscursivamente no funcionamento do dizer. Nesse quadro, instaura-se, por tais condições, um efeito de sentido segundo o qual, na busca por direitos, a mulher muda seu comportamento na sociedade, passando a influenciar na estrutura do Outro que, nesse caso, é assimilado à representação do lugar do homem na sociedade.

Compreende-se, mediante o funcionamento do gênero fabular, que esse texto é caracterizado, entre outras questões, por instituir outro plano de leitura, relativo ao aspecto contextual, agindo, em certos casos, como elemento representativo do processo sócio-histórico de sua produção. Pensando no ethos, a imagem do orador, marcado pela formação discursiva artística de liberdade de expressão, torna-se possível, também, tomar a “re-produção” lingüística sob a forma de brado em prol da resistência contra a postura repressora do Estado, como uma forma de crítica ao posicionamento de instituir diferenças numa sociedade que anseia em ser democrática. A fábula, nesse sentido, passa a revelar os acontecimentos sociais que seguem na contramão dos movimentos reivindicatórios no Brasil, tornando-se um meio de despertar a insatisfação nacional em relação à postura transfigurada.

O galo, ao evidenciar sempre ter vivido bem e que esperava calmamente por seu fim, sugere, pela estrutura do argumento, a presença da regra de justiça, principalmente pela conclusão do argumento, segundo a qual “agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias”. O termo “agora”, nesse plano de leitura, remete a um resultado merecido devido ao comportamento que tivera em outra época, comportamento este que deve servir como justificativa para consubstanciar o efeito argumentativo. Diante da regra de justiça, ocorre que

“se demonstra a coerência de uma conduta” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 249), portanto, é lícito, a quem fez o bem no decorrer da vida, apelar pela tranqüilidade ao esperar calmamente a morte. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 252) sinalizam para a aplicação de argumento recorrendo a tal estratégia argumentativa, diante do seguinte exemplo: “aquele que foi generoso na opulência, misericordioso no poderio, terá, parece, direito de apelar à generosidade e à misericórdia, quando a fortuna se lhe tornar desfavorável”. Entretanto, ao atentar para o início do argumento, pode-se constatar que o galo não afirmou ter feito o bem a outrem durante a vida, mas ter vivido bem.

Quando se percebe que a estrutura argumentativa é incompatível com a coerência circunstancial, evidencia-se uma transgressão na utilização do suposto argumento, desencadeando, por se tratar do gênero fabular, menos o ridículo do que o cômico. Pela transgressão, a coerência no comportamento o galo fica comprometida, o que enfraquece a propriedade argumentativa e, com isso, a credibilidade do galo, revelando ainda, nesse caso, a postura egocêntrica que o caracteriza. Além disso, na fábula há o silenciamento dos motivos sociais para a assimetria dos direitos do homem em relação aos da mulher. É a partir do silenciamento das reais condições de divisão de direitos que a fábula funciona como um gênero propício a burlar a censura (cf. COUTINHO, 1981, p. 151). É a partir do não dito que se dissimula a transparência do sentido mobilizado pela postura do galo, mas que, devido à estratégia argumentativa de instituir uma relação de transgressão entre a estrutura e a lógica comportamental pelo orador, passa-se a vislumbrar a necessidade de se buscar relações mais coerentes, estimulando uma postura investigativa acerca dos silenciamentos da fábula.

Já no caso da galinha, no momento em que expõe uma análise à circunstância, vale-se, em sua reivindicação, do argumento de reciprocidade. “Os argumentos de reciprocidade visam aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECE, 2005, p. 250). Ao salientar o desejo de ter “uma vida de galo, livre e feliz”, o que a galinha reclama não é pela destituição dos direitos do galo, e sim por igualdade dos direitos. O que busca é o reconhecimento da simetria nas condições de galo e galinha, de modo a se estabelecer uma relação de reciprocidade entre os seres descritos. Essa busca pela igualdade de direitos remete ao ideal do movimento feminista de lutar por direitos iguais para as mulheres, que no contexto da época, como se pôde observar anteriormente, tem reflexos principalmente na Europa e nos Estados Unidos (cf. ROHMANN, 2000, p. 157).

Em uma condição interdiscursiva de aliança, quando a galinha afirma que vai levar uma vida de galo, institui a constituição de seu destino e, conseqüentemente, de sua própria identidade, a si mesma. A possibilidade de escolher seu destino e se caracterizar pelos rumos decididos marca, mediante a memória discursiva, um viés existencialista, constituído no funcionamento do dizer, e que se relaciona com os anseios feministas em uma postura de aliança entre as perspectivas. É essa liberdade de decidir que caminho seguir, o que ser, responsabilizando-se pelas escolhas, que diferencia o ser humano dos outros seres. Segundo o pensamento existencialista, “o homem *existe*, enquanto a pedra *é*. Tal diferença implica que o homem, diversamente dos demais objetos existentes no mundo, é livre. Ele é pura liberdade. A cada momento, o homem tem de escolher aquilo que será no instante seguinte” (PENHA, 2004, p.46). Essa distinção entre **existir** e **ser** revela a impossibilidade de o homem, diferente dos outros seres, ser predeterminado.

A expressão “movimento de liberação feminina” imprime uma relação com o subtítulo em inglês “the hen’s liberation”, proposta por Millôr Fernandes. A utilização da expressão se refere discursivamente aos locais em que o termo “feminismo” foi mobilizado pela primeira vez, por volta do século XIX, na revolução sufragista (cf. ROHMANN, 2000, p. 157), na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ao recuperar a referida expressão, reclama-se a re-significação do campo discursivo mediante as diferenças apresentadas entre as posições sociais de conflito e de aliança. Percebe-se que, na fábula, a galinha está subordinada às determinações da “patroa”, o que instaura, além dos efeitos de sentido referentes aos afazeres atribuídos à mulher de cuidar dos filhos (“Todos os dias pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos”), a complexa relação entre a mulher e o mercado de trabalho, dadas as relações tensivas de classes que marcam o léxico no referido contexto sócio-histórico em que se insere. No caso da mulher, essas relações se estabelecem principalmente por meio do silêncio, como destaca Giuliani (2008, p. 644):

O direito à cidadania política – o direito ao voto – é alcançado pelas brasileiras em 1932, antes de vários países da Europa, como França e Itália. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que as aspirações à cidadania no mundo do trabalho, as que buscam proporcionar iguais oportunidades entre homens e mulheres, passam por um demorado silêncio, interrompido entre 1979 e 1985.

A escolha do termo “patroa” instaura o Outro a que remete o funcionamento do jogo interdiscursivo, voltando-se, em condição de conflito, à perspectiva discursiva estabelecida no léxico “empregado”, perspectiva esta silenciada, mas que é parte integrante para tal funcionamento. Apesar de não se ter na fábula a presença desta palavra, pelo termo “patroa” resgata-se, mediante a memória discursiva, a relação “patrão X empregado” a qual institui as bases de uma sociedade que prima por anseios capitalistas e que, a exemplo do Brasil em meados do século XX, aposta no processo de industrialização como o caminho para o desenvolvimento social. Essas perspectivas discursivas revelam um ambiente de instabilidade oriunda da tensão proporcionada por conflitos concernentes às posições de dominação *versus* resistência. Essas condições demarcam um momento de intenso rebuliço social que, com a proposta de industrialização aliada aos anseios capitalistas, proporciona a deflagração de greves em prol de melhores condições para os trabalhadores:

Entre 1945 e 1947, ao mesmo tempo em que há uma intensa filiação sindical, surge também um surto grevista. Só nos dois primeiros meses de 1946, ocorreram sessenta greves. A partir da década de 1950, há um crescente movimento paredista. Em 1951, ocorreram 173 greves com a participação de 364 mil trabalhadores envolvendo 548 empresas; ao passo que em 1952, 264 greves foram deflagradas, envolvendo 411 mil operários, em 922 empresas. Em 1953 é preciso destacar a greve dos 300 mil, realizada em São Paulo, Sorocaba Taubaté, Santos, São Caetano, Santo André, Ribeirão Preto, e abrangendo operários da indústria têxtil, metalúrgica, vidreira, gráfica, construção civil (CASALECCHI, 2002, p. 73).

É por conta da presença interdiscursiva do Outro que se autoriza o estabelecimento de efeitos de sentido referentes às condições sócio-históricas da sociedade brasileira. Diante desse quadro, não se exclui a posição interdiscursiva da qual emanam os efeitos de sentido reveladores das circunstâncias de domínio e de resistência, perceptíveis pela análise da fábula e que marcam o ambiente conturbado da época. Tais efeitos se devem à instabilidade gerada sobre os devidos papéis sociais voltados, de um lado, ao homem e, de outro, à mulher, pelo confronto de

perspectivas machistas e feministas em voga no referido momento. Na realidade, esses efeitos de sentido provêm das circunstâncias salientadas, as quais, diante de um quadro interdiscursivo mais amplo, remetem a relações de resistência e de domínio que transcendem o confronto proveniente de posições machistas e feministas. A interdiscursividade, portanto, inscreve em seu domínio o aludido confronto, mas também aponta para efeitos de sentido reveladores de outras relações de embate, que se referem ao inscrito no plano discursivo das relações de produção-reprodução do trabalho.

Nessas condições, na fábula é salientada a interdiscursividade pela relação tanto de conflito, quanto de aliança. O galo velho, representando uma situação velha, ou vigente, ao argumentar com galinha nova, que representa uma situação nova, uma ruptura no modelo antigo, vale-se de um posicionamento de predeterminação, a partir do momento em que declara que “galo é galo e galinha é galinha e que cada ser tem sua função específica na vida”. Essa declaração se consolida mediante a estratégia argumentativa de instauração tautológica do par “galo é galo” e “galinha é galinha”, sugerindo, em um primeiro momento, que todo galo é igual a qualquer outro galo e que toda galinha se equipara a qualquer galinha. Contudo, pela continuação do fragmento, percebe-se que a tautologia adquire significado argumentativo ao se relacionar com a circunstância social a que remete.

Dessa forma, por meio do argumento utilizado, reclama-se, mediante a memória discursiva acerca das perspectivas instauradas no contexto sócio-histórico brasileiro analisado, a presença de um plano interdiscursivo que se materializa por meio de provérbios como “Cada macaco em seu galho”. Sobre o efeito de sentido que tal perspectiva põe em relevo, este sinaliza que o galo tem uma forma de comportamento diferente daquele que a galinha deve apresentar, vez que cada um (na figurativização, cada grupo social), em sua condição própria, já tem, de forma prévia, o estabelecimento de uma determinação existencial. Tal posicionamento revela uma maneira de silenciar as verdadeiras condições sócio-históricas responsáveis pelos lugares ocupados por homens e mulheres, apresentando tais lugares, diferente de suas condições efetivas, como naturais. O discurso mobilizado pela estratégia argumentativa salienta uma relação de predeterminação.

A postura da cozinheira em pegar sorratamente a galinha pelo pescoço e dizer “A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela”, revela uma atitude de repressão desencadeada pela reivindicação da galinha. Pela inserção desses personagens na fábula, constitui-se mais um foro – a patroa e a cozinheira – que visa referir-se a um tema. Mas para se compreender o lugar do tema, é preciso identificar as características do foro. De um lado, vê-se que a cozinheira, assim como a galinha, está condicionada aos ditames da patroa, porém, diferente da galinha, não se rebela. Ao contrário, atende às determinações de levá-la para a panela por não produzir devidamente.

Diante da peculiaridade do gênero fabular em apresentar uma história por vezes fantástica, mas que sempre remete a efeitos de sentido de cunho sócio-político, para pensar sobre esses efeitos de sentido, é relevante compreender, segundo a perspectiva de Althusser (2003, p. 70), como a ideologia funciona no ambiente social:

O aparelho (repressivo) do Estado funciona predominantemente através da repressão (inclusive a física) e secundariamente através da ideologia. (Não existe aparelho unicamente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam

também através da ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução, como para divulgar os “valores” por eles propostos.

Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico). Desta forma, Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. E assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para mencionar apenas ela) etc.

Ao atender à patroa e repreender a galinha, a cozinheira torna-se passível de ser identificada, em uma posição althusseriana, aos Aparelhos Repressores de Estado (ARE), cuja particularidade é de manter a ordem vigente e agir antes pela violência do que pela ideologia. Já a patroa, apresenta-se como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), vez que funciona mais pela ideologia do que pela violência. Quando se pensa no contexto sócio-histórico da época em questão, revelam-se certas condições similares às descritas na fábula, como salienta Rodrigues (1994, p. 50):

Em janeiro de 1953, Vargas sancionou a lei sobre os crimes contra o Estado e a ordem política e social, prevendo a punição dos que convocassem comícios ou reuniões a céu aberto, sem a autorização da polícia.

Desse modo, pretendia coibir as manifestações dos trabalhadores urbanos que, pressionados pela crescente defasagem entre salários e custo de vida, realizavam inúmeras greves.

Por tais condições, o foro constituído pela patroa e pela cozinheira, estabelece o tema no qual se situam, respectivamente, o sistema político e a força policial, já que o primeiro faz parte dos AIE e o segundo, dos ARE. A aproximação da analogia com o plano interdiscursivo de tensão entre as perspectivas de dominação e as de resistência voltadas às relações de classe trabalhista sustenta-se, ainda, pela moral “Um trabalho por jornada mantém a faca afastada”. Nesse contexto, compreende-se, assim, não só o silenciamento descrito por Giuliani (cf. 2008, p. 644) sobre a reivindicação da mulher por direitos iguais aos dos homens no mercado de trabalho, como a repressão política mais abrangente representada na fábula.

As confluências discursivas concebidas por meio da apreciação interdiscursiva diante das estratégias argumentativas do orador tornam-se passíveis de reconhecimento, também, devido à identificação das condições de acordo entre ethos e páthos, bem como da propriedade dissimuladora do gênero fabular. Dessa maneira, tendo em vista o caráter polifônico do gênero fabular, oriundo da propriedade plurissignificativa que lhe é peculiar, atesta-se a condição de funcionar como elemento de ocultação de efeitos de sentido, devido à dissimulação da transparência da linguagem que, neste caso, remete a circunstâncias fantásticas de produção de narrativas. É assim que a fábula tem em si demarcada a propriedade de encobrir efeitos de sentido para, então, poder ser veiculada em meio à censura que marca a época de publicação do *corpus*.

## CONCLUSÃO

Por meio das nuances discursivas, vê-se como o texto funciona, estabelecendo relações de dominação e de resistência que lhe são subjacentes. Dessa forma, é apresentado um ambiente conturbado, em que a repressão impera sobre aqueles que tentam reivindicar, lutar por seus direitos e, conseqüentemente, por um sistema político democrático. Essa construção implica no desencadeamento de efeitos de sentido, dentre os quais alguns merecem atenção especial. Por um lado, efeitos possíveis diante desse quadro geral instauram-se para ratificar a manutenção da estrutura sócio-política da época, por marcar um lugar de aceitação para as camadas sociais, de modo a acolher os papéis que, por natureza, se lhes apresentam como inerentes diante da condição humana em que cada qual se encontra vinculado. Esses efeitos são amparados por meio da força argumentativa proveniente da identificação da fábula com perspectivas discursivas que se instauram em provérbios, os quais marcam o imaginário social de valor de verdade, dispensando, em certos lugares sociais, a sustentação desse valor por meio de outras formas de argumentação. Por essa linha semântica, percebe-se a identificação da produção fabular com certos anseios políticos da época, o que autoriza sua veiculação, afastando a possibilidade de ser impedida de ser publicada por meio de censura.

Entretanto, ao observar o caráter do ethos, marcado por uma história reveladora de uma imagem vinculada ao humor político, por vezes sarcástico e irônico, institui-se a presença de outros efeitos de sentido. Além do mais, a fábula milloriana não deve prescindir de estratégias retóricas que instaurem a condição polifônica para sua compreensão. Isso leva a crer que a fábula apresenta uma configuração estratégica retórico-discursiva que implica na instauração de certos efeitos de sentido em um lugar social, e não os mesmos em outro. Assim se percebe a particularidade do auditório ao qual recorre o orador para a instauração do segundo efeito de sentido, um auditório demarcado pela capacidade de compreender os efeitos de sentido na linguagem, pautando-se em um viés político. Contudo, esse teor político é (ou deve ser) percebido por esse auditório enquanto marcado pelo sarcasmo, pela ironia que singularizam o orador, imprimindo tais características à sua produção.

Diante da organização dos elementos da tríade retórica, que parte de considerações acerca do gênero fabular, aliando-se à presença da polifonia assimilada por meio do parâmetro interdiscursivo, vê-se como os efeitos de sentido percebidos na análise da fábula passam a resignificar. Desse modo, mediante a figurativização da fábula, mobiliza-se a apresentação do ambiente sócio-histórico brasileiro, em meados do século XX, não de forma a sustentá-lo, e sim como crítica aos acontecimentos. A narrativa fabular evidencia um ambiente no qual não adianta argumentar, dada a sustentação dos argumentos da galinha, enquanto ora a inconsistência, ora o apelo ao valor proverbial marcam a postura do galo, além da ação da cozinheira, que repreende a galinha amparada pela posição da patroa. É assim que na fábula se transfigura um ambiente injusto, no qual não se tem direito nem de reivindicar por direitos, servindo como um alerta à sociedade sobre o rumo que tanto os AIE quanto os ARE identificados na análise se empenham, respectivamente, um pela preponderância da ideologia e o outro da violência, em dar ao país.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 9. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: Uma metáfora da condição humana*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASALECCHI, José Ênio. *O Brasil de 1945 ao golpe militar*. São Paulo: Contexto, 2002.

COUTINHO, Afrânio. Entrevista. In: KHÉDE, Sonia Salomão. *Censores de pincenê e gravata: dois momentos da censura teatral no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nordica, [1963] 1999.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. Tradução: Erlon José Paschoal. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 2.ed. São Paulo:Ática, 1994.

PENHA, J. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PERELMAN, Chaïm; Olbreshs-Tyteca, Lucie. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROHMANN, Chris. *O livro das idéias: Um dicionário de teorias, conceitos, crenças e pensadores, que formam nossa visão de mundo*. Trad. Jussara Simões. Rio de Janeiro: Campus, 2000.